

BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE O FENÔMENO

Evelise Philippi Sartori¹

Alessandra d'Avila Scherer, Msc.²

Resumo: O presente artigo visa analisar a percepção dos professores do ensino fundamental sobre o *bullying*, fenômeno que é cada vez mais comum no ambiente escolar. O *bullying* é compreendido como um tipo de violência física, moral ou psicológica que ocorre de modo repetitivo e que pode ser prejudicial para os alunos inseridos nas escolas. A pesquisa teve como objetivo identificar a percepção dos professores do ensino fundamental sobre o *bullying*, bem como os possíveis manejos apresentados por esses profissionais diante de situações que envolvem o fenômeno. O trabalho foi realizado com professores da região metropolitana de Florianópolis, de idades entre 27 e 53 anos. Para a coleta de dados foi realizada uma entrevista semiestruturada. Esta pesquisa pode ser caracterizada como qualitativa e exploratória. Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo, a partir da construção de eixos categóricos. Ao final do processo constatou-se que os professores compreendem de forma geral o que é *bullying* escolar, mas apresentam conhecimento superficial, confundindo com brincadeira. Assim, conclui-se que é relevante a capacitação dos professores em forma de intervenção e a presença do psicólogo no ambiente escolar.

Palavras-chave: *Bullying* escolar. Professores. Psicologia.

1. INTRODUÇÃO

O fenômeno *bullying* é estudado desde a década de 1970, porém passou a ganhar mais repercussão nos meios de comunicação a partir do início do século XXI. Afetando a sociedade tanto em escolas como entre amigos ou nos ambientes de trabalho, o *bullying* está se caracterizando como uma questão de saúde pública. Não existe uma definição correta para o fenômeno *bullying*. Termos como “intimidação” e “valentão” são usados em nosso dia a dia para defini-lo (SILVA et al., 2013, p.122).

É possível considerarmos o *bullying* como um tipo de violência física, moral e/ou psicológica que ocasiona consequências para os agressores, as

¹ Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina.

² Professora do curso de Psicologia e Medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina – Msc. Saúde Pública.

vítimas, o ambiente escolar e a sociedade em geral. A violência pode acontecer também na esfera social, ou seja, em relações interpessoais como as de amizade, família e trabalho (SANTOS, KIENEN, 2014).

O fenômeno *bullying* consiste em um problema mundial que vem sendo comentado no mundo inteiro. Ele está presente tanto nas escolas privadas quanto nas escolas públicas e tem crescido progressivamente nos últimos anos. Além disso, tem sido alvo de questionamentos em várias instituições de ensino, assim como nas famílias. O comportamento *bullying*, apresentado dentro ou fora de sala de aula, vem ocorrendo com um índice alto de violência, consistindo um sério problema de saúde pública. Os autores Fante (2005) e Silva et al. (2013) concordam nesse aspecto.

Na visão de Lopes Neto (2008), o *bullying* é caracterizado por atitudes agressivas que são intencionais e repetidas. Essas atitudes são exercidas na interação entre estudantes, um ou mais contra outro ou outros, e não necessariamente ocorrem por alguma motivação evidente. Essa relação desigual de poder resulta em dor e em angústia para a vítima das agressões.

Para Camargo, Alves e Quirino (2005, p. 609), “a violência pode ser conceituada como um acontecimento realizado por indivíduos, grupo de indivíduos, classes, nações, que causam danos físico, emocional, moral e espiritual a outrem”.

No *bullying* a violência acontece de várias formas, diretas e indiretas. No primeiro caso, ocorrem quando as vítimas são violentadas por meio das agressões físicas ou verbais (SOUZA; ALMEIDA, 2011, p. 184-185), que podem ser caracterizadas por roubos, chutes, pontapés, expressões faciais, gestos provocativos. Já as formas indiretas são a exclusão da vítima, seu isolamento do convívio de outras pessoas, atitudes como humilhação e xingamentos (SANTOS, KIENEN, 2014). Para vários autores estudados, as consequências dessa violência para as vítimas podem ser: depressão, baixa autoestima, baixo rendimento escolar, entre outras (FANTE, 2005; FANTE; PEDRA, 2008; SANTOS; KIENEN, 2014). Ressalta-se que as consequências podem ser tão diversas como são diferente os indivíduos.

No ambiente escolar pode ocorrer tanto o *bullying* direto quanto o indireto. Sendo assim, é importante ressaltar o papel do professor para intervir no ato, orientando os alunos a não o praticarem. No ensino fundamental apresenta-se a maior incidência de acontecimentos do *bullying* (FANTE, 2008).

Conforme dados do Instituto Brasileiro Geográfico Estatístico (IBGE) apresentados por Silva et al. (2013), os casos de *bullying* vêm crescendo de forma significativa no mundo todo, sendo, por isso, um motivo de grande preocupação e interesse dos profissionais da área da psicologia, assim como pais, educadores e a sociedade em geral. Uma hipótese desta pesquisa é a de que a capacitação dos professores poderia auxiliá-los a esclarecer e amenizar, de maneira mais eficiente, o fenômeno *bullying*, para saber como lidar com o problema e tomar as devidas providências.

Também no Brasil este tema está sendo discutido com frequência, e os pesquisadores alertam que certos cuidados devem ser tomados para que o assunto não seja banalizado. Nesse sentido, no país, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE), realizada em 2009, evidenciou que 30,8% dos alunos já foram vítimas de *bullying* alguma vez (IBGE, 2009 apud SILVA et al., 2013). Uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA) também revela um número muito grande de vítimas (16,9%) e testemunhas (57%), além de apontar que é na sala de aula que o fenômeno ocorre, na maioria das vezes (60,2%). (LOPES NETO; MONTEIRO FILHO; SAAVEDRA, 2003)

A partir das pesquisas mencionadas, pode-se perceber a necessidade de trazer o fenômeno *bullying* para uma reflexão com o corpo docente e discente dentro das instituições de ensino. Quanto mais os professores souberem identificar e lidar com os casos de *bullying*, mais a escola poderá preparar e ensinar seus alunos e, assim, trabalhar com a prevenção deste fenômeno. É importante que as escolas estejam instrumentalizadas para lidar com esses atos, enfrentando o problema e treinando os professores para que saibam interferir nos momentos em que as agressões e intimidações aconteçam (MALTA et al., 2010).

Entende-se que o *bullying* é considerado uma forma de violência e sua ocorrência é de difícil identificação, apesar de que pode ocorrer em diversos contextos. O *bullying* tem implicações morais ou simbólicas de violência. A vítima é humilhada e recorrentemente tem medo de denunciar o agressor temendo que sofra violência novamente. Também há a vergonha de enfrentar represálias dos pais e professores. Esses fatores resultam na omissão do *bullying* pela vítima (LEÃO, 2010).

Diante do problema exposto, elaborou-se a pergunta de pesquisa: **Qual é a percepção dos professores do ensino fundamental sobre o *bullying* no contexto escolar?**

Sendo assim, a pesquisa apresentou como objetivo geral analisar a percepção dos professores do ensino fundamental sobre *bullying* escolar. Os objetivos específicos foram os de identificar a percepção de professores do ensino fundamental sobre *bullying* escolar e identificar os possíveis manejos apresentados pelos professores do ensino fundamental diante de situações que envolvem *bullying* escolar.

O motivo que levou a pesquisadora a se interessar pelo tema *bullying* foi a discussão ampla do assunto nas pesquisas e no contexto social mais geral, o que justifica a escolha do tema. A pesquisa bibliográfica deste estudo foi realizada no mês de abril de 2015, na base de dados BIREME, indexada na LILACS. Para isso, utilizou-se as seguintes palavras-chave: “assédio escolar” e “*bullying*”, sendo identificados aqueles que contribuíram para a visibilidade da problemática do presente trabalho.

Foram encontrados quatro artigos referentes ao *bullying* escolar. “Conhecimentos, atitudes e crenças de professores”, dos autores Silva, Oliveira, Bazon, Cecílio (2014), investigou “se os professores de 6º ano do ensino fundamental conheciam, identificavam e como intervinham nas situações de *bullying* ocorridas em sala de aula” e teve como resultado “depreende-se que a formação dos professores constitui um aspecto importante a ser trabalhado em programas de prevenção e intervenção sobre *bullying* escolar” (SILVA et al., 2014, p. 121). “Características do *bullying* na percepção de alunos e professores de uma escola de ensino fundamental”, das

autoras Kienen e Santos (2014), com o objetivo de “analisar a percepção de alunos e professores do ensino fundamental acerca das características do *bullying* nas escolas” teve como resultado “a necessidade de refletir acerca da implementação de programas preventivos nas escolas que visem informar e instrumentalizar a comunidade escolar sobre o *bullying*. Tais programas podem auxiliar na redução da ocorrência de comportamentos agressivos e na promoção de um ambiente sadio de desenvolvimento e aprendizagem” (KIENEN; SANTOS, 2014, p.161).

Já em “*Bullying* na sala de aula: percepção e intervenção de professores” os autores Silva, Oliveira, Bazon e Cecílio (2013), com o objetivo de “verificar se os professores de 6º ano do ensino fundamental identificam situações de *bullying* em sala de aula e como intervêm nessas situações” concluíram que “nesse contexto, considera-se que a preparação da escola e dos professores é fundamental para identificar e intervir adequadamente nas situações de *bullying* no ambiente escolar” (SILVA et al., 2014, p. 161).

Em “*Bullying*, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social”, as autoras Toro, Neve e Rezende (2010, p. 123) buscaram “compreender e destacar os principais elementos que caracterizam o fenômeno *bullying*” e concluíram que “os vínculos estabelecidos na escola, em especial o professor-aluno, são elementos fundamentais para a propagação do fenômeno”. Um desses artigos, das autoras Santos e Kienen (2014), menciona que existem poucos artigos referentes à visão dos professores, o que se aproxima da pergunta da presente pesquisa, que visa analisar a percepção de professores de ensino fundamental sobre *bullying*.

Os artigos estudados apontam que a dificuldade de lidar com o problema de maneira eficiente e a falta de discussão sobre o fenômeno têm levado à banalização desta prática. A pesquisadora se interessou em realizar este trabalho com professores do ensino fundamental porque, segundo Fante (2008), o *bullying* acontece com mais frequência nos alunos do 6º ao 9º ano, porque é no período de transição para adolescência dos alunos que os papéis começam a se definir melhor. Isso mostra a importância de os professores do

ensino fundamental terem conhecimento a respeito do tema, permitindo que saibam identificá-lo, intervir quando necessário e não banalizá-lo.

A pesquisa se justifica por sua relevância social, relacionada ao fato de que fenômeno *bullying* pode ocorrer em qualquer ambiente que tenha relações interpessoais (FANTE, 2005). Os autores Middleton-Moz e Zawadski (2007) exemplificam como a vítima se sente em relação às consequências do *bullying* escolar:

De várias maneiras, o *bullying* se tornou epidêmico em nossa sociedade. Muitos de nós se lembram claramente da dolorosa experiência em um incidente durante os primeiros anos de escola. [...] Mesmo assim, a maioria das pessoas nunca aprendeu estratégias bem-sucedidas para lidar de forma eficaz com o problema e ainda se surpreende e tem a guarda baixa quando isso acontece. A maioria das pessoas fica confusa e assustada e engole seus sentimentos; outras perdem a cabeça. Seja como for, o *bullying* obtém o efeito desejado: garantir que o outro fique fragilizado, desamparado, fora de controle e fora de seu caminho (MIDDELTON-MOZ; ZAWADSKI, 2007, p.31).

O presente trabalho estudará a percepção de professores de ensino fundamental a respeito do fenômeno *bullying* escolar, que se mostra importante não só para a psicologia como também para as outras áreas de conhecimento, tais como pedagogia, assistência social, direito e para a sociedade em geral. Estes questionamentos contribuirão para a reflexão dos professores, que poderão identificar os casos de *bullying* e aprender a lidar com eles, ajudando a evitar a proliferação dessa prática dentro do contexto escolar. Também alertarão para a importância da presença do psicólogo nas escolas, com o objetivo de auxiliar os professores a prevenir, identificar e lidar com os casos de *bullying*.

Esta pesquisa objetiva, portanto, proporcionar aos professores uma reflexão sobre o fenômeno *bullying* e incentivar também a discussão e análise sobre o assunto para que os envolvidos saibam a melhor forma de lidar com as situações. Assim, a relevância social desta pesquisa está relacionada à sua potencial contribuição para a sociedade: a partir da reflexão proposta, os professores podem intervir da melhor forma, conseqüentemente contribuindo para que diminua a ocorrência do fenômeno.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O autor Calhau (2011) afirma que não existe um conceito definido para o *bullying*. É um conjunto de ações que aparecem nas relações entre alunos através de agressões físicas ou verbais, de maneira repetida e sem haver um motivo aparente.

Os autores Fante e Pedra (2008) corroboram a ideia de Calhau (2011) exposta acima:

O bullying é diferente de uma brincadeira inocente, sem intenção de ferir; não se trata de um ato de violência pontual, de troca de ofensas no calor de uma discussão, mas sim de atitudes hostis, que violam o direito à integridade física e psicológica e à dignidade humana. (FANTE; PEDRA, 2008, p. 9).

O fenômeno denominado *bullying* é uma forma de violência que aumenta gradativamente. Comum nas escolas, a violência acontece cada vez mais em grandes proporções. Mas não somente no ambiente escolar: a violência existe desde sempre e onde existem relações podem existir violências. No caso específico do *bullying*, ela envolve um ou mais agressores, uma ou mais vítimas, e muitas vezes espectadores. Também traz consequências negativas para a vítima, tais como aspectos emocionais, psicológicos, afetivos, físicos dentre outros. Portanto, o *bullying* vem preocupando educadores, profissionais e a sociedade em geral. (FANTE; PEDRA, 2008).

Entretanto, nem toda violência é caracterizada como *bullying*. O *bullying* não tem uma motivação para que o aluno seja escolhido como vítima. Os agressores selecionam as vítimas mais fracas, ou seja, as que não conseguem se defender, e têm intenção de machucá-las ou ofendê-las (FANTE; PEDRA, 2008, p.42). Além disso, para ser considerado *bullying*, é sempre necessário existir repetição da mesma pessoa como vítima (FANTE; PEDRA, 2008, p. 37).

O *bullying* pode se dar de forma direta, com agressões físicas, como bater, beliscar, chutar, colocar a vítima no armário, empurrar, derrubar, colocar a cabeça da vítima no vaso sanitário, ferir, perseguir, cuspir, danificar material e tomar pertences; e agressões verbais, como xingar, apelidar de nome

ofensivo, ameaçar, intimidar, cochichar a respeito da vítima, discriminar, gritar, fazer comentários racistas, homofóbicos e zoar. O *bullying*, além dessas atitudes mencionadas acima, também pode se dar como indireto ou psicológico, com atitudes tais como isolamento social, fofocas, exclusão, atitudes de indiferença e difamação. (TEIXEIRA, 2011, p. 26; SANTANA, 2011, p. 19; SANTOS; KIENEN, 2014, p. 163).

O fenômeno pode ocorrer entre alunos, caso em que os alunos são as vítimas e também os agressores; entre professores e alunos, caso em que o professor é vítima e os agressores são alunos; e ainda entre aluno e professor, quando o professor é o agressor e um aluno é a vítima (FANTE; PEDRA, 2008; MIDDELTON-MOZ; ZAWADSKI, 2007). Essas são características possíveis na ocorrência do fenômeno *bullying* no ambiente escolar.

Como se pode perceber, conforme os diversos autores abordados acima, o *bullying* é caracterizado como um tipo de agressão. Além disso, o significado da palavra *bullying* pode ter sinônimos, porém o termo em inglês foi adotado de forma universal e por isso também será adotado nessa pesquisa. O *bullying* é uma violência e está acontecendo cada vez mais nas escolas. Existem dois tipos de *bullying*, direto ou indireto e, além disso, este fenômeno não acontece somente entre alunos, podendo ocorrer onde exista relação interpessoal. Diante de todas essas características, é importante entender a origem do fenômeno *bullying* escolar, assunto que será abordado no tópico a seguir.

Os autores Calhau (2011) e Teixeira (2011) citam Dan Olweus (1970) como um grande pesquisador, interessado pela pesquisa sobre *bullying* escolar a partir de um trágico acidente com três estudantes, de idade entre dez e catorze anos, que sofriam a violência e por isso se suicidaram. Começaram então as primeiras campanhas *antibullying*. No Brasil foi mais tarde, a partir do ano 2000, que a pesquisadora Cleo Fante deu início às pesquisas sobre *bullying* escolar. Optou-se, neste trabalho, por acompanhar a história dos estudos sobre o *bullying* conforme Calhau aborda, pois está mais aprofundada.

A constatação do estudo foi de que, a cada grupo de sete estudantes, um era vítima de *bullying*. Percebe-se que é um número muito alto para a

década de 1970. Segundo os autores, não há uma estatística correta de número de casos de *bullying* no Brasil no século XXI. Baseado nos números elevados de casos de *bullying*, o governo norueguês iniciou uma campanha nacional que conseguiu reduzir pela metade os casos de *bullying* nas escolas. Países como Reino Unido, Canadá, Portugal, entre outros, também iniciaram campanhas semelhantes. (CALHAU, 2011, p. 12)

Em 2010, outro projeto, realizado pela ONG PLAN serviu de subsídio para os educadores em estudos sobre *antibullying* (SANTANA, 2011, p. 28-29).

A pesquisa denominada Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes, desenvolvida por Lopes Neto (2005) em parceria com a Associação Brasileira de Proteção à Infância e a Adolescência (ABRAPIA), estudou 5.875 alunos do ensino fundamental de 11 escolas do Rio de Janeiro no ano de 2002. O estudo concluiu que 40,5% dos alunos confessaram ter se envolvido em atos de *bullying* diretamente no ano estudado. Deles, 12,7% foram autores, 16,9% foram alvos e 10,9% foram alvos e também autores. Percebe-se também, com a pesquisa, que 57,5% dos alunos foram testemunhas (LOPES NETO; MONTEIRO FILHO; SAAVEDRA, 2003). Segundo Francisco e Libório (2008, p. 201), a constatação do estudo foi de que para reduzir e intervir na agressividade e comportamento dos estudantes seria necessário sistematizar estratégias e investigar as características dos atos de autores e alvos nas escolas. A partir desse estudo foi criado o livro “Diga Não ao *Bullying*” (LOPES NETO; MONTEIRO FILHO; SAAVEDRA, 2003).

Mencionaram-se, acima, os projetos de Lopes Neto, já explicado, e o de Cleo Fante. Segue o objetivo do Programa Educar Para a Paz, desta última, segundo a autora:

O programa de enfrentamento ao *bullying* escolar Educar para a Paz, desenvolvido pela pesquisadora brasileira Cléo Fante, tem por objetivo sensibilizar a comunidade escolar para a relevância do problema e a necessidade de enfrentamento por meio de ações promotoras da cultura de paz. Objetiva também incentivar o advocacy e a criação de leis, políticas públicas e investimentos contra o *bullying* e proteção integral à criança e ao adolescente, por entender que a violência em suas diversas formas representa uma violação dos direitos humanos da criança, em especial os direitos à integridade física, dignidade humana e igual proteção perante a lei. Viola o direito

à educação, à segurança, ao desenvolvimento, à saúde e à sobrevivência. (FANTE, 2010, p. 5)

Percebe-se, a partir dos autores mencionados acima, que em vários países foi aprovada lei *antibullying* em 1990. Já no Brasil, os autores citados situam o início das pesquisas sobre *bullying* escolar entre os anos de 1990 e 2000, o que torna muito recente esse assunto. Lopes Neto e Fante estiveram envolvidos com dois projetos que foram importantes e são referências para diminuir os casos de *bullying*. A partir do projeto feito pelos autores Lopes Neto e Saavedra em parceria com a ABRAPIA, em 2003, foram elaborados vários projetos, pesquisas e seminários sobre *bullying*.

Usam-se como referência os autores mencionados anteriormente para esta pesquisa pois esses autores são pioneiros no assunto *bullying* escolar no Brasil. Além disso, esses projetos são importantes para que os educadores tenham um embasamento sobre o *bullying*. Parte desse embasamento é conhecer um pouco sobre os envolvidos nos atos de *bullying*, conforme se demonstra a seguir.

É comum entre os autores uma abordagem determinista que define uma relação de causa e efeito entre as características pessoais e ações dos envolvidos no *bullying* escolar. A pesquisadora não percebe essa relação entre ações e características como necessária, entretanto considera-se interessante ressaltar essa visão para oferecer outra possibilidade de entendimento sobre o fenômeno. Segundo Lopes Neto (2005), por exemplo, o agressor, ou autor, seria o indivíduo que pratica atos de forma que intimide e limite os outros, que se sentem coagidos. O autor apresenta como características: ser popular tipicamente, habilidoso, possuir uma comunicação excelente, se comportar com uma variedade de atos considerados antissociais, se achar qualificado por ser agressivo, agir por impulso e escolher geralmente alvos mais fracos do que si. O controle, a dominação, o sofrimento, os danos causados e a humilhação ao seu alvo causam satisfação a tais indivíduos. (LOPES NETO, 2005, p.167)

Percebe-se que o agressor pode começar a praticar a violência na infância e na adolescência, mas o período em que isso mais ocorre é na adolescência, quando acontece uma definição dos papéis de agressor, vítima e testemunha. Onde há relação, pode acontecer o *bullying*, como na sala de

aula, na família, e na vizinhança. Com relação ao *bullying* escolar, os pais e professores devem estar atentos aos agressores, para intervir da melhor forma possível, encaminhando os agressores para tratamento psicológico para que estes não sejam rotulados pelos colegas e para evitar a continuação das agressões (FANTE; PEDRA, 2008; BRITO, 2012).

Portanto, os professores e pais devem intervir para poder diminuir os casos de *bullying* na escola, conversando com os agressores e os auxiliando a deixar de ter atitudes rudes e agressivas, ou seja, atitudes que tenham a intenção de machucar a vítima por ela ser mais fraca e não saber se defender. Se necessário, educadores e familiares devem encaminhar o agressor para um psicólogo.

Os alvos ou vítimas são os estudantes que sofrem as agressões. Segundo uma corrente da literatura, seriam pessoas que têm dificuldade de se defender por diversos motivos, como medo, inferioridade física e sensação de que há impunidade no ambiente escolar. São percebidas como pessoas tímidas e com baixa autoestima. Os alvos se tornariam, ainda, pessoas isoladas, com dificuldade de interagir com os outros colegas. Outras características seriam a insegurança, o baixo rendimento escolar e a dificuldade nos esportes (TEIXEIRA 2011). A citação abaixo, de Lopes Neto (2005), serve como outro exemplo desta corrente que associa características às vítimas:

Em geral, não dispõe de recursos, status ou habilidade para reagir ou cessar o *bullying*. Geralmente, é pouco sociável, inseguro, desesperançado quanto à possibilidade de adequação ao grupo. Sua baixa autoestima é agravada por críticas dos adultos sobre a sua vida ou comportamento, dificultando a possibilidade de ajuda. Tem poucos amigos, é passivo, retraído, infeliz e sofre com a vergonha, medo, depressão e ansiedade. Sua autoestima pode estar tão comprometida que acredita ser merecedor dos maus tratos sofridos (LOPES NETO, 2005, p. 167).

No artigo dos autores Moura, Cruz e Quevedo (2011, p.20) sobre *bullying* percebe-se que fica evidente um risco grande do aluno que é vítima cometer suicídio, ter dificuldades nos relacionamentos, ansiedade e depressão.

Quevedo (2011, p.19-20) cita que as pesquisas realizadas, no Brasil e no mundo, sobre o *bullying* escolar, estão aumentando cada vez mais e vêm sendo discutidas para que haja proteção das vítimas. Observa-se que as

vítimas são foco das campanhas para que tenham proteção, já que não conseguem se defender sozinhas e são prejudicadas, sofrendo graves consequências e podendo até mesmo cometer suicídio.

Os indivíduos que são os espectadores, os que ficam de fora quando acontece o *bullying* escolar, não são nem os agressores e nem as vítimas. Esses alunos, entretanto, têm medo de se tornarem as próximas vítimas das agressões e, por isso, não falam nada com os professores e pais, trazendo uma falsa impressão para os professores e pais dos agressores e das vítimas (CALHAU, 2011, p.10; TEIXEIRA, 2011, p. 38).

Segundo Teixeira (2011), além disso, via de regra, o medo de repressão causa ansiedade, timidez, vergonha, e medo de fazer perguntas, esclarecer e questionar alguma dúvida com os professores. (TEIXEIRA, 2011, p.38)

É importante salientar que os alunos que são testemunhas do *bullying*, além de ficarem observando os colegas sendo vitimizados, dão risadas e não ajudam seus colegas a saírem da condição de vítima, dando estímulo para os agressores continuarem com as agressões (FERREIRA; JUNQUEIRA; GRACIOLI, 2009, p. 357).

Nota-se que as testemunhas podem assumir diferentes comportamentos ao vivenciarem, como espectadores, o fenômeno do *bullying*. Em alguns casos, isolam-se dos demais colegas por medo de que sejam ridicularizadas e, com isso, associam o ambiente escolar a um local perigoso e ameaçador. Já em outros casos, posicionam-se de forma favorável ao agressor que, conseqüentemente, acredita que está agindo corretamente, continuando com a prática do *bullying* (TEIXEIRA, 2011, p.38).

É importante a manifestação das testemunhas neste fenômeno, pois, se não houver posicionamento dos espectadores contra as atitudes dos agressores, a vítima entende que os espectadores concordam com as ações praticadas pelo agressor, que, por sua vez, permanecerá agredindo os demais colegas. (TEIXEIRA, 2011, p.39)

É necessário salientar a importância dos professores intervirem com relação às testemunhas, que facilitam que os agressores continuem com as

agressões porque não comunicam aos professores o que está acontecendo, também por medo de serem os próximos a serem agredidos.

Esses protagonistas são os alunos que estão envolvidos no *bullying* escolar. Alguns aspectos do ambiente escolar serão abordados a seguir, entre eles o papel do professor.

A escola é o ambiente pelo qual a criança começa a participar e exercer sua vida social, ou seja, onde ela começa a participar de relações interpessoais em grupo. O desenvolvimento psicossocial e a forma de pensar criticamente da criança são facilitados por uma escola que ofereça segurança para os estudantes, pois é na escola e em suas proximidades que acontece a maioria dos casos de *bullying*. (BRITO 2012, p.25)

O ambiente escolar é onde o professor está inserido, juntamente com os alunos. A sala de aula é o local onde o *bullying* acontece com maior frequência, embora o fenômeno possa acontecer no pátio da escola, na saída, locais onde o professor pode estar presente ou não.

Como mencionado anteriormente, é de fundamental importância os professores estarem atentos, uma vez que são eles que estão presentes quando ocorre o *bullying*. Caso não saiba como agir ou não consiga parar a briga entre os alunos, o professor pode chamar uma pessoa mais próxima, como o coordenador, diretor ou até mesmo outro professor, mas não deve deixar a agressão continuar. O professor precisa fazer uma intervenção sempre que ocorra o fenômeno, pois possui um papel relevante no desenvolvimento das crianças, inclusive quando se trata de violência física e psicológica no ambiente escolar. (CALHAU, 2011, p. 42).

3. MÉTODO

Com o objetivo de analisar a percepção dos professores do ensino fundamental sobre *bullying* escolar foi realizada uma pesquisa do tipo exploratória, de natureza qualitativa, delineamento do estudo de campo e de corte transversal. Participaram da pesquisa 8 professores de ambos os sexos, com idade variando entre 27 e 54 anos. Foram estabelecidos como critérios de inclusão estar exercendo a função de professor no ensino fundamental do 6º

ao 9º ano, com sete meses de experiência, e estar atuando em qualquer formação (português, matemática, educação física, entre outras). Segundo Fante e Pedra (2008, p. 46), essa é a faixa etária em que ocorre mais frequentemente o fenômeno *bullying* escolar. Necessariamente, os participantes da pesquisa deveriam ter idade superior a 18 anos. A tabela abaixo (tabela 1) apresenta os dados sobre os entrevistados.

Tabela 1 – Identificação dos participantes

Entrevistados	Sexo	Grau de Escolaridade	Série que leciona	Tempo que leciona	Idade
Pierre	Masculino	Superior bacharel e licenciatura em História	6 ao 9 ano	1 ano	27
João	Masculino	Superior em matemática	6 e 7 ano	1 ano	53
Pimenta	Masculino	Superior em geografia	7 ano	1 ano	27
Margarida	Feminino	Superior incompleto em matemática	6 e 7 ano	7 meses	44
Godofredo	Masculino	Pós em matemática	6 ao 9 ano	2 anos	43
Rosas	Feminino	Superior em geografia	6 e 7 ano	8 anos	45
Mandela	Masculino	Cursando mestrado em matemática	7 e 8 ano	2 anos	28
Jair	Masculino	Mestrado em linguística	7 ano	1 ano	26

Fonte: Elaborado pela autora, 2015.

Foi utilizado como instrumento de coleta de dados uma entrevista semiestruturada, composta de 12 perguntas (APÊNDICE A) que abordavam questões referentes a dados de identificação, tais como idade, escolaridade, série que está lecionando e há quanto tempo leciona, além de questões específicas e relacionadas aos objetivos da pesquisa.

Após a aprovação da pesquisa pelo comitê de ética em pesquisa da Universidade do Sul de Santa Catarina, a pesquisadora entrou em contato por telefone com os professores, com o intuito de explicar o objetivo da pesquisa. Com o aceite do professor, foi apresentado, então, o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). O contato com os participantes foi feito através da rede social da pesquisadora, a qual se resguardou de contatos próximos com o objetivo de que os resultados da pesquisa não sofressem interferências devido

a distorções de informações pelos participantes. Foi utilizado, também, o método “bola de neve” que “pressupõe que há uma ligação entre os membros da população dado pela característica de interesse, isto é, os membros da população são capazes de identificar outros membros da mesma” (FAUGIER; SARGEANT, 1997 apud DEWES, 2013, p.11).

Com os professores que se manifestaram interessados em participar deste processo, a pesquisadora agendou um horário e o dia da efetiva entrevista. As entrevistas aconteceram em um local acordado entre a pesquisadora e os participantes. A pesquisadora buscou um local adequado e reservado, livre de ruídos, com iluminação e levou os equipamentos adequados para a realização da entrevista, a qual teve duração média de 30 minutos com cada participante. Assim, as entrevistas ocorreram no local de trabalho dos participantes, em uma sala reservada, somente com a presença da pesquisadora e do participante.

Cada entrevista foi realizada individualmente, isto é, com um participante de cada vez. Sendo que, para cada participante, a pesquisadora reforçou os objetivos, esclareceu os procedimentos e orientações e confirmou o entendimento dos professores quanto a pesquisa. Após esta etapa, a pesquisadora solicitou aos participantes a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido e a autorização da gravação de voz, para que os participantes estivessem cientes dos princípios éticos da pesquisa.

Após a coleta dos dados, a pesquisadora os transcreveu e analisou conforme a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2001).

Após a etapa de finalização das entrevistas, foram elaboradas e definidas as categorias e subcategorias conforme as respostas dos participantes, isto é, a elaboração das categorias foi a posteriori e em diálogo com os objetivos específicos da pesquisa.

As categorias e subcategorias definidas serão apresentadas e discutidas na análise de dados.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com o intuito de facilitar a análise e discussão dos dados obtidos, suas questões foram organizadas em duas categorias, conforme o quadro a seguir. Abaixo está a tabela 2 que se refere ao objetivo específico: “identificar a percepção dos professores do ensino fundamental sobre o *bullying* escolar”. Nesta tabela, foram identificadas sete subcategorias: agressão/ofensa, brincadeira ou *bullying*, exclusão e isolamento, mágoa, desejo de chamar atenção, *bullying* relacionado com características pessoais, ambiente escolar.

Tabela 2 –Identificação das Subcategorias

A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE BULLYING ESCOLAR
Subcategoria
<ol style="list-style-type: none"> 1. Agressão/ofensa 2. Brincadeira ou <i>bullying</i> 3. Exclusão e isolamento 4. Ser o centro de atenção 5. O <i>bullying</i> relacionado com características pessoais 6. Ambiente escolar

Fonte: Elaborado pela autora, 2015.

4.1 A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE BULLYING ESCOLAR

A ideia de analisar a percepção dos professores do ensino fundamental sobre *bullying* escolar encontra respaldo na literatura, que indica a dificuldade que a escola tem para trabalhar os conflitos que podem dar origem ao *bullying*.

Segundo VECANTO (2014),

A escola não diz a respeito apenas a sua estrutura forma/institucional, mas depende também das interações sociais entre as pessoas que ali estão. Na escola, os conflitos resultantes dos diferentes comportamentos, valores e modo de vida tornam-se muito evidentes, até mesmo em razão desta tradição secular de que é uma instituição que deveria ensinar valores universais - ou a cultura, num sentido nada antropológico do termo. (VECANTO, 2014, p.23)

A importância dos professores no ambiente escolar, como quem lida mais diretamente com os alunos em situações de conflito, leva a questionar como eles percebem e lidam com o fenômeno *bullying* escolar. Assim, a partir das entrevistas realizadas com oito professores de duas escolas do ensino

fundamental, foi possível analisar a percepção e o manejo destes com relação ao *bullying* escolar.

Para preservar o sigilo das informações trazidas pelos professores participantes da pesquisa, os mesmos foram representados por nomes fictícios, tais como Pierre, João, Pimenta, Rosas, Godofredo, Mandela, Jair e Margarida. Abaixo seguem as subcategorias elaboradas a partir das informações fornecidas pelos professores nas entrevistas: “agressão e ofensa”, “brincadeira ou *bullying*”, “exclusão e isolamento”, “desejo de ser o centro das atenções”, “o *bullying* relacionado com características pessoais” e “ambiente escolar”.

4.1.1 Agressão física e ofensa

A primeira subcategoria, agressão e ofensa, foi elaborada a partir do objetivo específico e também das falas dos entrevistados(as). Conforme se observa nos dados coletados referentes à percepção dos professores do ensino fundamental sobre o *bullying* escolar, na maioria das falas este é percebido como algum tipo de agressão.

É possível afirmar que os professores consideram que *bullying* é um tipo de agressão, como pode ser observado a partir da fala de Mandela¹: “*uma forma agressiva de tratamento entre alunos ou entre professores ou entre funcionários e alunos*”. Para Jair, “*é quando a gente deprecia, quando a gente xinga ou ofende o próximo de uma maneira pejorativa, de uma maneira que seja agressiva*”. Os dois entrevistados têm a mesma percepção sobre *bullying*, que é visto como algo agressivo. A fala de Mandela é mais ampla, enquanto a de Jair é mais detalhada, e nela se percebem termos como depreciação, xingamento ou ofensa ao próximo.

A ênfase que o entrevistado Jair dá à agressão verbal é a mesma dos outros entrevistados, explicando os tipo de agressão verbal. Por outro lado, da agressão física não trazem exemplos, embora comentem que ela existe.

Conforme as falas dos entrevistados mencionadas acima, o *bullying* é percebido, portanto, principalmente como agressão verbal. É possível

¹ Os nomes adotados no artigo são fictícios.

relacionar as falas dos professores com a literatura apontada no referencial teórico, que elenca agressões verbais como xingar, apelidar de nome ofensivo, ameaçar, intimidar, cochichar a respeito da vítima, discriminar, gritar, fazer comentários racistas, homofóbicos e zoar (TEIXEIRA, 2011, p.26; SANTANA, 2011 ,p.19; SANTOS; KIENEN, 2014, p.163). Os professores, por sua vez, apontam as seguintes ações como formas agressivas do *bullying*: “*bullying é [...] quando a gente [...] ofende o próximo*”; “*depreciar, ofender, agressão física, agressão verbal e agressão moral*” (Jair); “*discriminação, deboche de pessoas que julgam outras só por questões de aparência*” (Pimenta); “*ridicularizar, machucar*” (Rosas); “*menosprezar a pessoa, rebaixar o ser humano*” (João).

Como se pode perceber, a percepção dos professores coincide com a literatura pesquisada. De acordo com Lopes (2009), *bullying* caracteriza-se por atos repetidos de opressão, tirania e agressão. Assim, podemos considerar que os professores apresentam um bom conhecimento a respeito do que se configura como *bullying* escolar e que, a maioria deles, relacionam o mesmo como sendo agressão verbal.

4.1.2 Brincadeira ou *bullying*

Nesta subcategoria, os entrevistados apontam para a dificuldade de diferenciar brincadeira e *bullying*. Eles mencionam que apontar o limite é complicado pois esse limite está relacionado à intimidade entre os alunos e ao consentimento dos envolvidos na brincadeira.

Na literatura específica não foi possível encontrar a relação entre *bullying* e brincadeira. Entretanto, nos meios de divulgação científica para o público leigo essa relação aparece, por exemplo, no título do artigo “Como lidar com brincadeiras que machucam a alma”, na revista *Nova Escola*, e no texto de Cleo Fante (2011), “*Bullying: da brincadeira à violência*”, que relata que a brincadeira não pode ser confundida com o *bullying* escolar.

Pode-se observar na fala de Rosas essa dificuldade, de perceber o limite entre brincadeira e *bullying*: “*Quando um aluno aceita uma fala, um apelido, uma coisa... é... aquilo não se repete muito, ele absorve, aquilo retorna de*

outra maneira também, confortável, aquilo pra mim é uma brincadeira, ambos se divertiram” (Rosas).

Na fala de Margarida, abaixo, percebem-se dois aspectos abordados também na literatura: *“enquanto os dois estão se divertindo na brincadeira; quando o outro ultrapassa aquela brincadeira aí ele já pede pra professora tomar alguma atitude”*. Um aspecto percebido na fala da entrevistada é que o *bullying* só se configura quando a vítima reclama, o que difere da orientação da literatura, que diz que algumas pessoas não comentam com o professor por medo de sofrerem represálias dos outros alunos. O segundo aspecto é a dificuldade de ver o limite da brincadeira.

Percebe-se a brincadeira como um comportamento que se intensifica no momento do recreio, que deveria ser um momento de lazer, de encontros, de brincadeiras, mas que pode tomar outra característica e se constituir em um momento de grande estresse para os alunos quando ocorrer o fenômeno do *bullying* escolar.

4.1.3 Exclusão e isolamento

Na subcategoria exclusão e isolamento, que a literatura localiza como agressão indireta (TEIXEIRA, 2011, p.26; SANTOS; KIENEN, 2014, p.163), aparecem falas de alguns professores entrevistados. Nelas aparecem a exclusão, apontada também como isolamento, e há também descrições de como ela ocorre. Pimenta afirma: *“sempre às vezes tem aquele aluno que está excluído”*. Por sua vez, Godofredo comenta que *“a pessoa não se manifesta, ela fica quieta e tu começa a ver que ela abaixa a cabeça e aí o pessoal ri, às vezes depende da brincadeira que fazem com essa pessoa, a turma toda ri.”* A literatura traz a palavra isolamento e os professores também comentam sobre ele, ao responderem quando percebem que ocorre o *bullying*. Isto aparece, por exemplo, na fala de Jair: *“[...] o aluno que normalmente conversa, normalmente fala, pergunta, participa, quando ele fica muito quietinho, muito isolado na dele [...]”*.

Segundo, Sawaia (2001), a exclusão pode ser vista como:

A dialética inclusão/exclusão gesta subjetividades específicas que vão desde o sentir-se incluído até o sentir-se discriminado ou revoltado. Essas subjetividades não podem ser explicadas unicamente pela determinação econômica, elas determinam e são determinadas por formas diferenciadas de legitimação social e individual, e manifestam-se no cotidiano como identidade, sociabilidade, afetividade, consciência e inconsciência. (SAWAIA, 2001, p. 9).

Todo tipo de exclusão é prejudicial, principalmente se tratando do espaço escolar, em que a criança e o adolescente procuram, além da aprendizagem, a interação com outros, formando novos grupos de amizade.

Segundo Teixeira (2011, p.26), “no *bullying* indireto presenciamos atos velados, escondidos, em que o agressor ataca sua vítima de forma subliminar. Normalmente esse assédio é executado por difamação, isolamento e exclusão social, por exemplo”. Percebe-se que os professores trazem em suas respostas a palavra isolamento ou exclusão como um sinal de alerta de que pode estar acontecendo *bullying*, o que pode ser percebido também no trecho apontado acima, de Teixeira (2011).

4.1.4 Desejo de ser o centro da atenção

Observa-se na pesquisa, entre os alunos envolvidos nos episódios de *bullying*, o possível desejo de ser popular na turma, o que pode ser observado na fala de Rosas: “[...] *quer se mostrar diante dos amigos e acaba provocando*”. Os alunos que apresentam essa vontade de provocar e menosprezar o outro adotam comportamentos que os professores apontam nas entrevistas, tais como humilhação, chacotas e a ridicularização dos colegas, ou seja, fazem com que os demais alunos voltem a atenção a eles.

Percebe-se a correlação entre o que a literatura aponta como autor do *bullying* e os alunos dos entrevistados que querem chamar a atenção por meio das agressões. Segundo Lopes Neto (2005), o agressor, ou autor, seria o indivíduo que pratica atos de forma que intimide e limite os outros, que se sentem coagidos. O controle, a dominação, o sofrimento e os danos causados, a humilhação ao seu alvo causam satisfação a tais indivíduos. (LOPES NETO, 2005, p.167)

Estes alunos têm a necessidade de expressar suas emoções e sentimentos reprimidos, assim como relata “Jair”, um dos professores entrevistados:

[...] ninguém faz bullying por que acha legal fazer bullying né, assim, claro, acha legal, acha interessante, mas tem que ter algum motivo pra isso, então eventualmente alguma coisa de casa que tá acontecendo naquele momento, que é permanente então, pais divorciados muitas vezes geram um filho que é possível de fazer o bullying ou tá com problema, o irmão tá com problema em algum lugar, a irmã, ou ele mesmo tá sentindo muito sozinho [...].

A associação, percebida na fala do entrevistado acima, desses comportamentos do agressor com sua relação familiar não é necessariamente uma regra para que ocorra o *bullying* escolar. Os professores trouxeram essa percepção em suas respostas, mas não se pode concluir ser esta uma relação de causa e efeito. E ainda, segundo Teixeira (2011, p 34), a sociedade vê os envolvidos no *bullying* escolar dessa maneira, como um padrão, mas não se pode afirmar que exista uma relação entre os problemas familiares da criança e o envolvimento dela no *bullying*, fazendo disso uma generalização.

4.1.5 O *bullying* relacionado com características pessoais

Na subcategoria “o *bullying* relacionado com características pessoais”, os entrevistados mencionam diversas características de como eles percebem quem são as vítimas respondendo a seguinte pergunta: “E para você, quem é a vítima?”. Pode se perceber na fala de Jair que “[...] a vítima é um aluno também que, por algum motivo, as pessoas acham ela que ela é fraca [...]”. Já para João, “[...] [a vítima] é a pessoa mais frágil, a pessoa mais sensível [...]” A literatura confirma a fala de Jair e João:

Normalmente são crianças tímidas, retraídas, introspectivas, fisicamente mais fracas, menores e mais jovens que os agressores. Esses alunos possuem poucos amigos e parecem solitários, e passam a maior parte do tempo sozinhos e isolados no recreio escolar, por exemplo. (TEIXEIRA, 2011, p. 34)

Apesar das falas dos entrevistados confirmarem o que Teixeira (2011) traz, vale ressaltar que essas características não são exclusivas e nem necessárias da vítima. As pessoas são únicas e a singularidade de cada um deve ser observada.

Pierre tem uma visão diferente dos entrevistados acima, que ressaltam o perfil psicológico. Para este entrevistado: “[...] *o aspecto físico da pessoa que é mais gordinha, enfim, que não tá no padrão de beleza, que não é aceito pela sociedade então eles acabam sofrendo também o bullying [...]*”. Portanto os preconceitos também atuam na escolha da vítima.

4.1.6 Ambiente escolar

Na subcategoria ambiente escolar, gerada a partir da pergunta “e para você, em qual espaço ocorre o *bullying* escolar?”, os entrevistados chamaram a atenção para a sala de aula. “*Eu acho que a sala de aula é o ambiente*” (Pierre). O professor sabe que pode existir *bullying* em outros locais, por exemplo no pátio, no banheiro, no recreio, no *Whatsapp*, mas ele enfatiza a sala de aula porque é o ambiente em que ele está inserido.

É importante ressaltar que o diálogo entre professor-aluno e aluno-aluno é essencial no desenvolvimento das capacidades cognitivas e afetivas. Cabe salientar que cada um deve saber evidentemente qual é seu papel e quais são suas obrigações frente ao outro.

A escola não é uma ambiente fechado, portanto o *bullying* é praticado além desse espaço e repercute nas relações internas da escola, por exemplo no grupo de *Whatsapp* da sala, como visto na fala de Pierre: “*algumas vezes eles usam situações que acontecem nas redes sociais, eles trazem pra sala*”. Isto pode ser percebido também na literatura:

Sabemos que a escola é uma instituição e que está inserida em um dado contexto social. Isso implica dizer que muitas das regras não explícitas e explícitas dos comportamentos, dos conteúdos, das avaliações etc. que encontramos dentro de uma escola refletem questões sociais mais amplas que encontramos no mundo, no país, estado, cidade, bairro e no entorno do prédio/terreno em que ela funciona. (VENCATO,2014, p. 20).

Mesmo que o avanço da tecnologia esteja veloz e sejam diversos os fatores que influenciam o dia a dia dos alunos, percebe-se que a escola continua a desempenhar um papel muito relevante para a formação acadêmica dos estudantes. Conforme Lopes Neto (2005), a agressividade no ambiente escolar é considerada como um problema universal.

A seguir será analisado o segundo objetivo específico, que trata sobre os manejos utilizados pelos professores nas ocorrências de *bullying* escolar.

4.2 POSSÍVEIS MANEJOS APRESENTADOS PELOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL DIANTE DE SITUAÇÕES QUE ENVOLVEM BULLYING ESCOLAR

Abaixo, está a tabela 3, que se refere ao objetivo específico de “**identificar possíveis manejos apresentados pelos professores do ensino fundamental diante de situações que envolvem *bullying* escolar**”. Nesta tabela, foram identificadas três subcategorias: conversar, organização em grupo e atenção/cuidado.

Tabela 3 –Identificação das Subcategorias

POSSÍVEIS MANEJOS APRESENTADOS PELOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL DIANTE DE SITUAÇÕES QUE ENVOLVEM BULLYING ESCOLAR
Subcategoria
<ol style="list-style-type: none"> 1. Conversar 2. Organização em grupos 3. Atenção/cuidado

Fonte: Elaborado pela autora, 2015.

Seguem abaixo as discussões sobre cada uma das subcategorias mencionadas no quadro acima. A ênfase foi dada no manejo adotado pelos próprios professores, sendo que um dos entrevistados cita como manejo institucional que os mesmos recebem uma cartilha, um livro, têm capacitações e reuniões semanais: “*tem capacitação, temos reuniões semanais, todo professor que entra ganha um livro*” (Jair). Ressalta-se que o manejo institucional não será abordado nas subcategorias a seguir.

É importante salientar que na escola em geral existe normas de atitudes que devem ser tomadas diante da indisciplina de seus alunos, entretanto, cabe

salientar que é o professor é que vai decidir a medida a ser tomada com o aluno.

4.2.1 Conversar

Na subcategoria conversar, percebe-se que o manejo mais presente nas falas dos entrevistados foi conversar com seus alunos. Um dos entrevistados menciona como objetivo da conversa informar ao seus alunos sobre esse fenômeno, o *bullying* escolar.

Observa-se que esta é a técnica mais utilizada pelos entrevistados, o que pode ser observado na fala de Mandela: “*eu sempre converso isso com os alunos*”.

Como já foi mencionado no parágrafo anterior que a escola possui normas que devem ser seguida e tomadas, é importante frisar que, em casos mais graves nos quais o professor percebe que não vai consegue intervir e amenizar os comportamentos agressivos de seus alunos, o profissional é orientado a encaminhar o problema à coordenação ou direção da escola para serem tomadas as devidas providências. Isso pode ser observado na fala de Jair: “ [...] *tá acontecendo alguma coisa, chama pra conversar, também com a coordenação, encaminha pro SOS, que é o serviço que a gente tem aqui, Serviço de Orientação Especializado [...]*”.

Portanto, o professor abrindo espaço em sala de aula para que os alunos conversem sobre diversos assuntos que não obrigatoriamente dizem respeito à aula, permite que se crie esse vínculo do professor com os alunos. Diversas estratégias para potencializar essa conversa são apontadas por Duque (inédito, não paginado):

Poderemos promover dinâmicas, tanto com educadores quanto com alunos, em que se discutam em grupos situações reais ou inventadas para que cada um possa se colocar no lugar e desenvolver empatia por aqueles que sofrem *Bullying*. Podemos dispor de filmes que nos ajudem a discutir sobre preconceitos e discriminação do diferente como é o caso dos excelentes *Billy Eliot* de Stephen Daldry e *Bang, bang: você morreu* dirigido por Guy Ferland. (DUQUE, inédito, não paginado).

Dentre essas dinâmicas a organização em grupos também aparece na fala de um dos entrevistados, conforme análise abaixo.

4.2.2 Organização em grupos

Na subcategoria organização em grupos, outra forma de abordagem do problema é a organização dos alunos em grupos, como relata Mandela: “*eu utilizo muito a questão deles se organizarem por exemplo em grupos, e só nessas organizações em grupo você percebe [...], acaba percebendo certos comportamentos e certas falas entre eles também, acaba diagnosticando*”. Ou seja, fica evidente que a organização em grupos é uma das formas com que ele observa caso possa ocorrer o fenômeno *bullying*.

A perspectiva de Duque (inédito, não paginado) no trecho citado acima é diferente da percepção trazida na fala pelo professor, em que Mandela relata que quando propõe organizações de grupos, mesmo sem ter a finalidade de identificar o fenômeno, ele observa se pode haver ou não *bullying*, a partir da relação dos alunos entre si. Duque (inédito, não paginado), por sua vez, utiliza os grupos trazendo casos reais de *bullying* escolar para o debate com os alunos.

O professor, portanto, organizando os grupos, terá uma atenção e cuidado com os alunos, os quais serão abordados na próxima subcategoria.

4.2.3 Atenção/cuidado

Na subcategoria atenção e cuidado, estão presentes na fala de alguns dos entrevistados, Jair, Mandela e Rosas. Jair afirma que “[...] *tem um monte de coisa aí, várias funções que a gente tem, que pode fazer, mas que tem que cuidar, tem que prestar atenção em como as coisas estão funcionando*”. Já Rosas relata que “*eu sou muito atenta a essas questões dos alunos nos relacionamentos*”.

A necessidade de atenção/cuidado pode ser observada também na literatura, que aponta que os alunos têm dificuldade em falar dos incômodos com o *bullying* escolar:

Muitos manifestam falta de vontade de ir à escola, insatisfação e desânimo crescentes com a escola, sem no entanto, conseguirem

falar sobre as razões que os levaram a isto. (DUQUE, inédito, não paginado).

Portanto o professor precisa estar atento na sala de aula, com atitudes e comunicação entre os alunos, para assim poder intervir da melhor forma quando perceber a ocorrência do *bullying* escolar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez elaborada a pergunta de pesquisa que norteou o trabalho, buscou-se o aprofundamento da fundamentação teórica que confirmou a relevância da pergunta. A fundamentação teórica trouxe os conceitos, a história de *bullying* escolar, os protagonistas, causas e consequências de *bullying*, mostrando a importância da escola com relação ao fenômeno *bullying* escolar e evidenciando o papel do professor.

Referente a coleta de dados, os professores foram receptivos, aceitando participar da pesquisa e reconhecendo a importância do tema. Um dos professores entrevistados se prontificou a indicar outros professores para participarem da pesquisa. A pesquisadora percebeu dificuldade dos entrevistados olharem nos olhos da entrevistadora. As perguntas não geraram dúvidas, porém os entrevistados relatam incômodos com a repetição e aprofundamento do tema.

Um ponto positivo foi a obtenção de uma resposta para a pergunta de pesquisa, “qual a percepção dos professores do ensino fundamental sobre *bullying* no contexto escolar?”, permitindo discutir os dois objetivos específicos. Um ponto negativo que pode ser observado foi, a partir das falas, que os professores possuem um conhecimento frágil em relação ao *bullying* escolar. Essa percepção pode confirmar a hipótese de que a capacitação dos professores pode ser uma alternativa para oferecer mais ferramentas para o que profissional lida com a situação.

Um outro ponto negativo foi percebido pela pesquisadora na realização da análise. A pesquisadora percebeu que a pergunta “para você, qual é o limite entre a brincadeira e o *bullying* escolar?” induziu os professores a responder

associando as palavras brincadeira, limite e *bullying* escolar. Na resposta a essa pergunta, eles não afirmam que *bullying* é brincadeira, mas apresentam a importância do consentimento para caracterizar como brincadeira. Entretanto, cabe comentar que em uma outra pergunta, não indutiva, um dos professores respondeu utilizando a palavra “brincadeira”.

Em referência ao primeiro objetivo específico, “identificar a percepção dos professores do ensino fundamental sobre *bullying* escolar”, observa-se que os professores enfatizam o *bullying* como agressão. Entretanto, a ênfase deles é na agressão verbal, e não trazem exemplos de agressão física; têm dificuldade de diferenciar brincadeira e *bullying*; identificam uma das formas em que ocorre o *bullying* como o isolamento de alguns alunos durante as aulas, o que pode se estender a outros lugares, além da sala de aula, dentro e fora do ambiente escolar; percebem como uma das consequências do *bullying* a mágoa sentida pelas vítimas; observam que o autor tem um desejo de ser o centro das atenções e relatam que a vítima é uma pessoa reprimida, fraca, frágil.

No que diz respeito ao segundo objetivo específico, “identificar possíveis manejos apresentados pelos professores do ensino fundamental diante de situações que envolvem *bullying* escolar”, percebeu-se que um dos professores relata conversar com seus alunos sobre *bullying* escolar, e os demais professores trazem implicitamente a ideia de que conversam com os alunos, quando acontecem as agressões; outro entrevistado relata a organização em grupos como forma de diagnóstico do *bullying* escolar; por fim, um outro professor diz que é atento aos relacionamentos entre os alunos.

Observando esses relatos feitos pelos professores, percebe-se que eles têm uma visão superficial do fenômeno *bullying* escolar, entendendo como uma regra aspectos que são variáveis (por exemplo dizer que a vítima é reprimida, ou que o agressor tem problemas familiares), confundindo a brincadeira com o *bullying* e por isso não sabendo lidar com a situação.

Dentre esses aspectos, chama a atenção a dificuldade de diferenciar o brincar e o *bullying*. Este é um limite tênue, o que pode refletir na dificuldade do manejo das situações pelos professores. Embora uma das perguntas da

entrevista tenha possivelmente induzido os professores a associarem o limite entre brincadeira e *bullying* escolar, essa relação aparece também como resposta a outra pergunta, o que reforça essa dificuldade.

Apesar da dificuldade de estabelecer o limite entre o *bullying* e a brincadeira, os professores compreendem que, se a vítima ofendida não se importar com as provocações feitas pelo colega e entender como uma “brincadeira”, não haverá agressão. Contudo, se a vítima aceitar as provocações, a reação pode gerar uma discussão entre os alunos e poderá acarretar em ofensas e xingamentos, chegando até à agressão física. Cabe aqui ressaltar que, para ser considerado o *bullying* escolar, é necessário haver repetição e afetar o psicológico da vítima.

Identifica-se nas escolas episódios de alunos que brigam, xingam e batem, entretanto, logo depois, já voltam a se falar, como se nada tivesse acontecido. Ou seja, toda essa agressividade foi algo daquele momento, apontando para a possibilidade de não haver uma rivalidade entre os alunos.

Percebe-se que no dia a dia dos alunos ocorrem brigas entre eles, porém nem sempre podem ser analisadas como atos de *bullying*. No entanto, ainda que não sejam assim consideradas, a importância da intervenção do professor se faz necessária. A briga, enquanto agressão física, aparece frequentemente na literatura, contudo não é relatada nas falas dos entrevistados.

No que diz respeito ao manejo, os professores relatam a falta de ferramentas para lidar e, assim, saber intervir nas ocorrências do fenômeno. No cotidiano dos professores, usam como ferramenta a conversa, não especificando nas entrevistas o teor dela. Associando essa constatação com a imprecisão das falas dos professores sobre o *bullying* torna-se evidente, portanto, a importância de fazer trabalhos de capacitação, com intervenção junto aos professores, ressaltando, assim, a importância de haver um psicólogo na escola.

Esta pesquisa não é conclusiva, abrindo espaço para pesquisas futuras. Uma das possibilidades que se apresenta é a comparação da percepção dos alunos e dos professores sobre *bullying* escolar. Como é um assunto atual,

sugere-se que continue havendo mais pesquisas para investigar os seus diversos aspectos.

REFERÊNCIAS

BARDIN L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70,1977.

BRITO, Janine Borges Schmidt; PRETTO, Zuleica. **O bullying escolar na visão dos alunos do ensino fundamental**. 2012. Monografia (Curso de Graduação em Psicologia) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2012. Disponível em:

<http://aplicacoes.unisul.br/pergamum/pdf/105547_Janine.pdf>. Acesso em: 5 maio. 2015.

CALHAU, Lélío Braga. **Bullying**: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão. 3. ed. Niterói, RJ: Impetus, 2011.

CAMARGO, Climene Laura de; ALVES, Eloina Santana; QUIRINO, Marinalva Dias. Violência contra crianças e adolescentes negros: uma abordagem histórica. **Texto e contexto: Enfermagem**, v. 14, n.4, p.608-615, dez. 2005. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em: 2 abr. 2015.

CAREGNATO, R..C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 15, n.4, p. 679-84, out.-dez. 2006. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>>. Acesso em: 2 jun. 2015.

CAVALCANTE, Meire. Como lidar com brincadeira que machucam a alma. **Revista Nova Escola**, s.l., [201-]? Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/como-lidar-brincadeiras-431324.shtml>>. Acesso em: 6 nov. 2015.

DUQUE, Denise. **Bullying** - a violência invisível. Inédito. Não paginado.

FANTE, C.; PEDRA, J.A. **Bullying escolar**: Perguntas e respostas. Porto Alegre, RS: Artmed, 2008.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2.ed. Campinas, SP: Versus Editora, 2005.

_____. Programa de enfrentamento ao *bullying* no ambiente escolar. In: _____. **Campanha Aprender sem Medo**. São Luís: PLAN Brasil, 2010. Disponível em: <http://www.plan.org.br/publicacoes/download/cartilha_enfrentamento_bullying.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2015.

FERREIRA, Vera Aparecida Valeze; JUNQUEIRA, Renata Pedroso P; GRACIOLI, Maria Madalena. *Bullying*- agressão invisível: as representações de alunos e professores de escolas de ensino fundamental da cidade de Ituverava. **Nucleus**, v.6, n. 2, out. 2009.

FRANCISCO, M.V; LIBÓRIO, R. M. C. Um estudo sobre *Bullying* entre Escolares do Ensino Fundamental. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, n. 2, p. 200-207. 2009. Disponível em <www.scielo.br/prc>. Acesso em: 2 abr. 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo, SP: Atlas, 1999.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEÃO, L.G.R., O Fenômeno *bullying* no ambiente escolar. **Revista FACEVV**, Vila Velha, n 4, p. 119-135, jan-jun. 2010.

LIPP, Marilda Emmanuel Novaes; NOVAIS, Lucio Emmanuel. **A mágoa**. Pg.159-167.

LOPES NETO, A. *Bullying*- Comportamentos agressivos entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v. 81, n. 5, p.164-172, 2008.

LOPES NETO, Aramis; MONTEIRO FILHO, Lauro; SAAVEDRA, Lucia Helena. **Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. [2003]. Não paginado. Disponível em:<www.observatoriodainfancia.com.br>. Acesso em: 2 abr. 2015.

MALTA, D. C. et al. *Bullying* nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 15, supl. 2, p.3065-3076, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v15s2/a11v15s2.pdf> >. Acesso em: 2 abr. 2015.

MIDDELTON-MOZ, Jane; ZAWADSKI, Mary Lee. **Bullying**: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MOURA, Danilo Rolim de; CRUZ, Ana Catarina Nova; QUEVEDO, Luciana de Ávila. Prevalência e características de escolares vítimas de *bullying*. **Jornal de Pediatria**, v.87, n. 1, 2011.

PORTO ALEGRE. Procuradoria Geral do Município. Lei nº 10.866, de 26 de março de 2010. Dispõe sobre o desenvolvimento de política “antibullying” por instituições de ensino e de educação infantil públicas municipais ou privadas, com ou sem fins lucrativos. **Sistema integrado de referência legislativa**, Porto Alegre, 26 mar. 2010. Disponível em: <<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cgi->

bin/nph-brs?s1=000031011.DOCN.&l=20&u=%2Fnetahtml%2Fsirel%2Fsimples.html&p=1&r=1&f=G&d=atos&SECT1=TEXT>. Acesso em 30 maio 2015.

SANTANA, Edésio T. ***Bullying & cyberbullying***: agressões presenciais e a distância - O que os educadores e os pais devem saber. São Paulo, SP: Edicon, 2011.

SANTOS, M. M.; KIENEN, N. Características do *Bullying* na Percepção de Alunos e Professores de uma Escola de Ensino Fundamental. **Temas em Psicologia**, v. 22, n. 1, p.161-178, 2014.

SAWAIA, Bader (org.). **As artimanhas da exclusão**: Análise psicossocial e ética da desigualdade social. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001

SILVA, A.C, F; COSTA, A.M.F.R. O papel do psicopedagogo em relação ao *bullying*. **Rev Psicopedagogia**, v. 31, n. 94, p. 56-62, 2014.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA et al. *Bullying* na sala de aula: percepção e intervenção de professores. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 1, p. 121-137, 2013.

SÓ, Lucas Scheila. ***Bullying nas escolas***: uma proposta de intervenção. [Monografia] Curso de Especialização em Psicologia Escolar. Orientação: prof^a. Ma. Vivien Rose Bock. Porto Alegre, dez. 2010.

SOUZA, C. P.; ALMEIDA, L.C.P. Bullying em ambiente escolar. **Enciclopédia Biosfera**, (Centro Científico Conhecer), Goiânia, v.7. n.12, p.184-185, 2011. Disponível em: <<http://www.conhecer.org.br/enciclop/conbras1/bullying.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2015.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual antibullying**: para alunos, pais e professores. Rio de Janeiro: BestSeller, 2011.

VENCATO, Anna Paula. Diferenças na Escola. In: MISKOLCI, R.; LEITE JÚNIOR, J. **Diferenças na Educação**: outros aprendizados. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

YIN, Robert.K. **Estudo De Caso, Planejamento E Métodos**. 2. ed. [s.l.]: Bookman, 2001.

APÊNDICE A - Instrumento de coleta de dados - Entrevista

Dados de Identificação:

Sexo: () Feminino () Masculino

Idade: _____

Escolaridade: _____ Curso:

Série que está lecionando: 6^a () 7^a () 8^a () 9^a ()

Qual a disciplina em que atua no momento?

Há quanto tempo leciona nessa escola?

- a) Sete meses ()
- b) Há mais de dois anos ()
- c) Cinco anos ()
- d) Dez anos ou mais ()

Perguntas:

- 1- Para você, o que é *bullying* escolar?
- 2- Para você, qual o limite entre a brincadeira e o *bullying* escolar?
- 3- Na sua rotina de trabalho de escola, em qual espaço ocorre o *bullying*?
- 4- Como você percebe?
- 5- Para você, em qual espaço mais frequentemente ocorre *bullying* na escolar?
- 6- Para você quem é o autor do *bullying* escolar?
- 7- Para você quem é a vítima do *bullying* escolar?
- 8- Para você quem é a testemunha do *bullying* escolar?

9- O que você pensa sobre o autor?

10- O que você pensa sobre a vítima?

11- O que você pensa sobre os testemunha(s) do *bullying*?

12- Gostaria de falar algo que não foi perguntado?

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP UNISUL

Cep.contato@unisul.br, (48) 3279.1036

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

(Destinado a todos os participantes da Pesquisa)

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) da pesquisa referente ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Psicologia cujo título é **“PERCEÇÃO DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE BULLYING ESCOLAR”**. A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a percepção de professores do ensino fundamental sobre *bullying* no contexto escolar; e, como objetivos específicos, identificar a percepção de professores do ensino fundamental sobre *bullying* no contexto escolar; e identificar os possíveis manejos apresentados pelos professores do ensino fundamental diante de situações de *bullying* escolar.

Com esta pesquisa, busca-se como benefício verificar a percepção dos professores sobre *bullying* escolar. Esta pesquisa também visa identificar a percepção dos professores sobre *bullying* escolar.

A pesquisadora fará uma entrevista que será gravada e, que responderei participando da pesquisa. Esta será realizada em local e horário sugerido por mim. Estou optando por responder por espontânea vontade as perguntas desta entrevista, sendo acompanhado (a) pela pesquisadora.

Fui informada (o) sobre o sigilo de minha identidade relacionada a esta entrevista, e que o seu conteúdo pode ser usado em palestras, congressos e seminários. Concordo em participar desse estudo sobre o *bullying* respondendo a entrevista em questão, para que seja possível analisar a percepção dos professores do ensino fundamental sobre o *bullying* escolar, e para que este estudo sirva de subsídio para tomadas de atitudes e também para os estudos relacionados ao tema.

Para isso, você participará respondendo uma entrevista com doze perguntas relacionadas ao tema principal da presente pesquisa: *bullying*.

Estou ciente de que, se sentir um mal estar ou algo parecido, posso contar com o apoio da pesquisadora. Estou recebendo a cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido, em que declaro que compreendi todas as informações nele contidas e que a pesquisadora fez os esclarecimentos necessários sobre a pesquisa.

APÊNDICE C – Termo de Consentimento para fotografia, vídeos e gravações

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP UNISUL CONSENTIMENTO PARA GRAVAÇÕES

Eu _____ permito que a acadêmica Evelise Philippi Sartori obtenha gravação de voz de minha entrevista para fins da pesquisa científica intitulada: "Percepção de professores do ensino fundamental sobre *bullying* no contexto escolar". "Um estudo sobre a percepção de professores sobre *bullying* escolar". Eu concordo que o material e informações obtidas relacionadas à entrevista possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém, a minha identidade não deve ser identificada, tanto quanto possível, por nome ou qualquer outra forma. As gravações ficarão sob a guarda e propriedade da acadêmica por um período de cinco anos.

Nome do sujeito da pesquisa: _____

RG: _____

Assinatura: _____

Assinatura

Acadêmica: _____

—

Assinatura

Pesquisadora: _____

—

Parte superior do formulário

_____, _____ de 2015

A entrevista será gravada com o objetivo de analisar os dados coletados posteriormente, assim, somente eu (pesquisadora) e a minha orientadora terão acesso as gravações. A gravação será guardada em local seguro pela pesquisadora e, após um período de tempo, esta será apagada.

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar desse estudo como sujeito de pesquisa e ter a ciência de que a

mesma será gravada. Fui informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora Evelise Philippi Sartori sobre o tema e o objetivo da pesquisa, bem como, sobre a maneira como será realizada, e os benefícios e possíveis riscos decorrentes da minha participação. Assim sendo, estou ciente de que minha participação é livre e espontânea e recebi a garantia de poder retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer prejuízo.

() Autorizo a gravação de voz

() Não autorizo a gravação de voz

Nome por extenso: _____

RG: _____

Assinatura: _____

CONTATOS DA ACADÊMICA:

Acadêmica responsável: Evelise Philippi Sartori

Endereço eletrônico: evelisesartori@gmail.com

Telefone: (48) 96297509

Professora orientadora: Alessandra D' Avila Scherer, Msc

Contato: 91568008- Endereço eletrônico- alessandrascherer0809@gmail.com

